

# Perscrutador de Almas

Francisco José Alves \*

**Os Saltimbancos da Porciúncula. São Paulo. Record. 1966. 140 págs.**

Antônio Carlos Villaça dá continuidade, com este novo livro, à vocação de memorialista. Sua obra vem se afirmando na linhagem dos cultores do gênero vazado como arte literária. Villaça é um mestre. Seus livros aliam alto senso poético, agudeza psicológica e concisão. O escritor é perito na multiforme humanidade. Como Sartre, sua paixão é compreender o homem... A isto vem se dedicando com afinco e deleite. Gosta de investigar os escaninhos da alma.

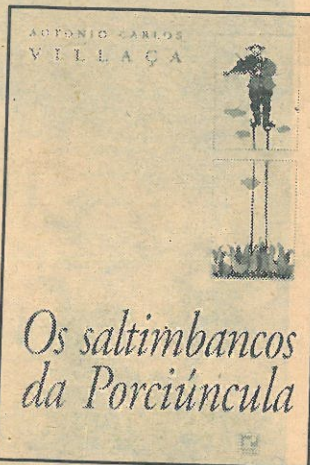
Os Saltimbancos da Porciúncula enfeixa sessenta e dois fragmentos. Notas curtas, cheias de amor pelo animal humano, marcadas pela perspicácia psicológica e pelo lirismo. A temática é diversa. Predominam os fragmentos nos quais o memorialista delineia perfis de escritores, relembra fatos, tece notas autobiográficas. O livro é, essencialmente, memória dos outros. A ênfase recai nas lembranças do autor sobre figuras do meio intelectual brasileiro. É uma contribuição à biografia dos escritores deste século. Antonio Carlos Villaça é exímio na caracterização psicológica dos retratados. Em poucas linhas faz a psicografia de uma personalidade.

Alguns exemplos dão mostra da perspicácia psicológica do escritor na observação do fenômeno humano.

Sobre Aurélio Buarque de Holanda observa: "Era exigente e minucioso. Declamava os seus poemas com volúpia torrencialmente. Memória perfeita" (p.29). Nuança a personalidade do ex-presidente Kubitschek: "Juscelino quase não comia. Tinha pavor de engordar (...). No fundo Juscelino me parecia um ser desesperado". Este mesmo desespero visto no fundador de Brasília, Villaça o reencontra no Albert Camus: "era um homem literalmente desesperado, um ser mergulhado no mais fundo pessimismo" (p.36).

Astrojildo Pereira, arauto do Partido Comunista, é evocado como "uma pessoa de impressionante doçura. Um ser extremamente suave" (p.59). É o mistério da variedade humana oscilando entre o desespero de Camus e a doçura do velho comunista.

O contista Breno Acióli foi o exato oposto de Astrojildo Pereira: "gritava muito, era barulhento, espalhafatoso". (...) Tinha ansiedade perturbadora (...). A irreverência fervilhava nele" (p.60). O memorialista Gilberto Amado é retratado como "um voluptuoso. Um epicurista" (p.70). É cheio de afeto que Villaça recorda o poeta Ma-



nuel Bandeira: "Foi o melhor ser humano que conheci neste mundo". (p.73)

O empresário Assis Chateaubriand é descrito como "homem assustador. Desmedido. Com uma dimensão trágica. Um nietzschiano em ação. Um vaqueiro nietzschiano fora de qualquer perspectiva moral". (p.92)

Getúlio Vargas "era jovialíssimo, mas de fato mantinha as pessoas a quilômetros de distância. Vivía na mais profunda solidão. (...) Não resolvia nada de afogadilho. Esperava, como sabia esperar. O seu forte era a paciência" (p.101). Síntese de solidão, desconfiança e paciência. Conclui o escritor: "Vargas era fechadíssimo".

Mário Quintana "era um ser gentil, não tinha nenhuma pose, nenhuma afetação. Era todo leveza, espontaneidade, fluidez, comunicatividade modesta. E brincava com a vida. Sabia provocar a vida. Quintana cultivava o humor mais genuíno. Mais inocente. Mais puro" (p.113). Sobre Cecília Meireles: "Cecília aparentemente apolínea, mas no fundo dionisiaca, sensual, insatisfeita, ardente, à procura" (p.129).

Em algumas poucas vezes Villaça relata coisas de feitio mais pessoal. Este é o caso dos fragmentos

"O ladrão noturno. "A viagem ao Nordeste", "Os grandes oradores", "A sedução da oratória", "A superação do ativismo" - onde o autor revela seu horror à ação, "O livro de estréia", "Réquiem por mim", "O assalto".

Os Saltimbancos da Porciúncula veio para ficar como livro canônico no memorialismo brasileiro. É uma lição de humanidade. Terminada a leitura estamos mais ricos de conhecimento sobre este misto de fera e anjo - o homem.

Salve Antonio Carlos Villaça!

\* Francisco José Alves é graduado em História pela UFS, Mestre em Antropologia pela UNB, doutorando em História Social pela UFRJ, professor de Teoria, Metodologia e Historiografia Brasileira no Departamento de História da UFS.